

A vida luxuosa do homem mais rico de Portugal.
Uma existência repleta de histórias de amor,
beleza, ostentação, pequenos luxos, prazeres
e traição. Um final inesperadamente dramático,
ao estilo das melhores óperas do século XIX.

2.^a Edição

José Norton

*O
Bilionário
de Lisboa*

Ficha Técnica

O MILIONÁRIO DE LISBOA
Autor: José Norton

LIVROS D'HOJE
Publicações Dom Quixote
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor
Copyright © José Norton e Publicações Dom Quixote, 2009

Capa: Ideias com Peso
Revisão: Susana Baeta
ISBN: 9789722042895
www.livrosdhoje.leya.com

EXPLICAÇÃO E AGRADECIMENTOS

O milionário de Lisboa é a biografia romanceada de Joaquim Pedro Quintela do Farrobo, 2.º barão de Quintela e 1.º conde de Farrobo.

Logo no século XIX, e depois na primeira metade do que passou, publicaram-se obras dedicadas ou contendo referências a Quintela e à sua vida. Recorrendo umas ao estilo excessivamente palavroso e laudatório, outras à caricatura fácil, não conseguiram transmitir do conde de Farrobo uma imagem suficientemente sólida para resistir à erosão do tempo.

Caiu no esquecimento. Apesar da existência do Largo Barão de Quintela, bem no coração de Lisboa, e ainda que muitos milhares de pessoas passem diariamente pelos jardins das Laranjeiras, nem o barão nem o conde são do conhecimento público. Perde o público em não saber quem ele foi, e é de uma grande injustiça para Farrobo, depois de tudo o que fez, não ser lembrado.

Quem era, verdadeiramente, esse homem? Seria fácil sabê-lo se nos tivesse ficado, como aconteceu com outras personalidades marcantes, um conjunto de cartas onde a sua alma se abrisse e a personalidade se revelasse, fossem elas cartas de amor, negócios ou de simples amizade. Infelizmente, o que resta do que terá sido um fabuloso arquivo – penso nos seus múltiplos negócios, na direcção do São Carlos, nas centenas de amigos e conhecidos, nos banqueiros e correspondentes em Londres e Paris – é muito pouco, pouquíssimo. Enquanto investigador do passado, não me deixa de causar estranheza que, sobre um homem com a dimensão pública de Farrobo, tenha caído um tão pesado silêncio a que acresce uma flagrante ausência de registos

documentais. Atribuo essa circunstância a duas situações que, especulando, faço por adivinhar: um sentimento de culpa colectiva por o Estado ter traído aquele que foi, na prática, o salvador do «liberalismo»; e o desconforto da família perante a brutal derrocada que a casa Quintela sofreu depois da sua morte.

Por esta ausência de informação se escolheu outro caminho. Caso contrário este trabalho seria mais um em que se repetia o inventário das qualidades e defeitos, supostos ou inventados, inventário este carregado de adjectivadas superficialidades. Ou uma colecção de anedotas e caricaturas sem qualquer unidade psicológica.

Imaginei um pouco e pedi ajuda a alguns interlocutores fantasiados, como é o caso de Francisco e Jacome, na boca dos quais pus palavras que não posso garantir se alguma vez foram pronunciadas e em que circunstâncias.

Pretendi com esse artifício introduzir o leitor, sem o enfadar, nos dois temas que atravessam o livro de princípio ao fim: o contrato do tabaco e a ascendência materna do conde de Farrobo. Servi-me da fantasia para levar o leitor à realidade.

O primeiro tema, o contrato do tabaco é a «personagem» mais importante a seguir a Farrobo, e foi na vida real uma das mais importantes na política portuguesa do século XIX. A linguagem dos diálogos permite explicar o negócio e a complicada acção judicial sem que o leitor adormeça no final da terceira linha.

O segundo tema, além de constituir uma história digna da imaginação de Alexandre Dumas, é, por verdadeira, da maior importância do ponto de vista histórico e sociológico. Não inventei, não descobri nem cometi uma inconfidência: fui alertado para a existência no arquivo da casa Lafões dos documentos que Alberto Pimentel já referira em 1892, no seu livro *As Amantes de D. João V*. O resto está nos arquivos da Torre do Tombo.

Lamento não ter conseguido encontrar mais informação sobre o casamento de Farrobo com Madalena Pinault, o que teria enriquecido esta narrativa, pois, dado o perfil do biografado, esse período da sua vida terá sido, pelo menos humanamente, tão interessante como o anterior.

Resta-me agradecer as ajudas que recebi neste trabalho. Em primeiro lugar a Manuel Quintela pelo seu interesse e disponibilidade. Depois, correndo o risco de me esquecer de alguém, agradeço a Ana Canas, Joana Braga, João de Castro, Joaquim Sobral, Manuel Bragança, Maria Clara Assunção, Paula Aparício, Pedro O'Neill Teixeira, Raúl Capaz Coelho.

Finalmente, agradeço a minha mulher, Cristina, por mais uma vez ter suportado nestes últimos dois anos e sem queixas a presença ubíqua e diária de mais um biografado de serviço.

RECORDAÇÕES

Fazia um calor insuportável em Lisboa naquele princípio de tarde. Depois dos ensaios da manhã todos os artistas tinham saído para almoçar e retemperar as forças numa sesta. Só uma velha costureira ficara agarrada a um fato de arlequim que era preciso ajustar para servir ao bailarino novo que a companhia tinha contratado.

Estivesse na casa de Lisboa ou na quinta, Joaquim Pedro almoçava cedo, como convinha às crianças. Depois seguia-se um repouso. Uma hora apenas, mas parecia-lhe uma eternidade, um suplício. Depois disso restava-lhe apenas meia hora para brincar até à chegada do seu professor, um padre irlandês que aproveitava as vindas a Lisboa para visitar a congregação religiosa dos seus patrícios nas horas de folga. Joaquim Pedro não conseguia dormir. Tinha os olhos postos na frincha da janela que deixava entrar um pouco da luz do dia, espicaçando-lhe a imaginação com as sugestões do que o esperava lá fora. Desesperava ao ouvir o lento e compassado tique-taque do relógio de parede que havia no corredor. Os minutos passavam ainda mais devagar.

No toque seguinte do relógio, o dos quartos de hora, não resistiu, saltou da cama e esgueirou-se para o corredor. Ainda não eram duas horas mas podia ser que ninguém desse por ele. O silêncio era completo. Saiu pelas traseiras, dirigiu-se à porta do jardim, atravessou a Rua do Tesouro Velho desceu a travessa para o Largo do Picadeiro e num pulo entrou no teatro.

O pai era como se fosse dono do São Carlos. Juntamente com outros abastados comerciantes, seus sócios no negócio do Tabaco, fora chamado a contribuir para a construção do

Teatro. Além disso, uma das cláusulas do contrato obrigava os beneficiários a suportar uma parte considerável dos custos anuais do seu funcionamento. Por outro lado, e como contrapartida do seu esforço pessoal para a construção, o pai Quintela e os seus sucessores tinham direito a um camarote particular. Por sua vez este estava ligado a uma sala privada com saída própria que dava justamente para o Largo do Picadeiro, porta por onde Joaquim Pedro acabara de entrar com toda a naturalidade, pois naquelas circunstâncias o teatro era como que um prolongamento da sua própria casa.

Quando vinha com o pai a Lisboa escapulia-se para o São Carlos sempre que podia. Conhecia ali toda a gente e não havia recanto do edifício que tivesse segredos para ele. Assistia aos ensaios das óperas e bailados, e gostava de acompanhar os maquinistas na preparação dos truques e ilusões que emprestavam realismo às cenas. Adorava os tiros de pólvora seca e fascinavam-no os relâmpagos que simulavam fazendo arder por trás dos cenários um produto que largava uma chama rápida e irregular. Acima de tudo, porém, estava o guarda-roupa. Ia para o quarto onde se guardavam os adereços, abria os armários dos fatos, as arcas das fantasias e deixava-se levar pela imaginação. Vestia-se de militar ou cavaleiro medieval, empunhava espadas e punhais e era corsário das Caraíbas, defensor das damas na corte de Luís XIV ou patinhava nos charcos nevoentos de Inglaterra na companhia do rei Artur.

Àquela hora o São Carlos estava envolvido em penumbra e também ali reinava o maior silêncio. Rapidamente atravessou a sala privada e desceu as escadas para o andar de baixo. No átrio estava a velha costureira sentada junto a uma janela para ter melhor luz. Ao passar, Joaquim Pedro acenou-lhe. Eram já velhos conhecidos, habituada como ela estava às suas visitas. Sorriu-lhe carinhosamente enquanto ele se dirigia pela passadeira central no palco. Galgou as escadinhas, meteu-se pelas cortinas a caminho do guarda-

roupa. Abriu a primeira arca e logo por cima encontrou um fato de mandarim feito de cores garridas por onde serpenteavam dragões ameaçadores desenhados caprichosamente em dourado.

Preparava-se já para navegar nos mares da China em busca de um tesouro de pérolas quando, contrafeito, percebeu que andava por ali alguém. Queria estar à vontade, e a presença de adultos desfazia-lhe o sortilégio que lhe permitia viajar livremente pelo reino da fantasia. Ficou muito quieto para não darem por ele, esperando que se fossem embora. Viu então passar a bailarina Angélica e logo de seguida Carlo, clarinetista da orquestra. Seguiu-se um silêncio. Podia mergulhar outra vez no mundo dos sonhos. Contudo, voltou a ser interrompido pouco depois. Começou primeiro por ouvir o que lhe soava a murmúrios ou risadas abafadas. Depois silêncio de novo para logo a seguir começar a ouvir uma respiração ofegante que gradualmente se transformava nuns brandos gemidos. Intrigado, resolveu ver o que se passava. Pé ante pé saiu do quarto e encaminhou-se para o fundo da teia de onde lhe parecia que vinha o ruído.

Furtivamente acercou-se de uma arrecadação onde se guardavam tapetes, panos de cena e outros trastes do teatro. Protegido pela escuridão do corredor, espreitou lá para dentro. Os panos estavam dispersos sem ordem por todo o quarto, aos montes aqui e ali. No meio deles estavam o Carlo e a Angélica iluminados apenas por uma réstia de sol que descia por uma clarabóia. Um misto de curiosidade e medo deixou-o paralisado. O coração pulava-lhe no peito, custava-lhe respirar, mas não conseguia tirar os olhos do que via. O tronco e a cabeça de Carlo desapareciam no meio dos folhos da saia de Angélica. A perna direita de Angélica tinha uma meia de renda calçada. No pé trazia um elegante sapatinho de cetim cor-de-rosa. A outra perna, iluminada em pleno pelo feixe de luz, esguia e delicada apesar de os músculos se insinuarem ligeiramente,

estava nua. O pé era pequeno, delicadíssimo, e a pele clara, como mármore, deixava transparecer suavemente o azulado das veias. Tremia, como num estertor, ao mesmo ritmo dos seus gemidos, que soavam, aos ouvidos de Joaquim Pedro, mais desesperados.

Estava confuso, não percebia o que se passava, mas acabou por reagir. Primeiro de mansinho, depois correndo desalmadamente, voltou para trás. Saltou do palco sem passar pelas escadas e quase esbarrou contra a velha costureira que, no fim da plateia, vinha ao seu encontro.

- Que foi que lhe aconteceu, morgadinho.

- O Carlo, o Carlo - repetiu ofegante sem conseguir dizer mais nada.

- O quê, o que foi - assustou-se a velha, calculando que alguma desgraça acontecera.

- O Carlo - balbuciou, respirando fundo mais uma vez - está a fazer mal à Angélica. Pareceu-me que lhe mordida a barriga...

A velha, a quem nada do que se passava naquele teatro escapava, desatou a rir.

- Não tem graça. Ela gemia muito - disse Joaquim Pedro, então mais confundido ainda.

- Não te preocupes, eles são muitos amigos. Estão é sempre na brincadeira. Mas não fale nisto a ninguém. O Sr. Lodi não quer que se perca tempo com essas coisas, por causa da disciplina. Eu já lá vou dizer-lhes para terem cuidado com as palhaçadas - deu mais uma risada e acrescentou: - Agora o menino vá para casa; ia mesmo chamá-lo porque vieram dizer que o professor já chegou e está à sua espera.

Toda a tarde a sua cabeça andou ocupada com o que se passara no teatro. O professor de balde lhe chamava a atenção, mas Joaquim Pedro não conseguia concentrar-se. Só pensava em lá voltar no dia seguinte. Planeava esconder-se para poder ver de novo Angélica e o Carlo juntos e esclarecer as dúvidas que o assaltavam. Lembrava-

se depois que espiar as pessoas não estava certo, mas logo se deixava vencer pelo desejo de satisfazer aquela curiosidade e recomeçava a imaginar a melhor forma de o conseguir.

Mal sabia que o pai já decidira voltar no dia seguinte para a quinta.

Só no fim do Verão voltou a ter a oportunidade de passar alguns dias na Rua do Alecrim. Não esquecera o episódio que tanto o impressionara e ainda o intrigavam as risadas brejeiras da velha costureira. Mas passara o frenesim que o tinha dominado naquela tarde quente do mês de Julho.

Com tranquilidade esperava a oportunidade de voltar ao teatro. Sabia que se estava a preparar um novo espectáculo. Gostava tanto de assistir aos ensaios como das brincadeiras no guarda-roupa. Admirava o trabalho do director de cena e do maestro, os ralhetes que davam aos artistas, as habituais cenas de choro e amuos de sopranos e bailarinas. Não teve de esperar muito tempo. No dia em que o seu preceptor irlandês ficou doente, foi para o teatro logo pela manhã. Dessa vez resolveu ficar no camarote em vez de descer para as primeiras cadeiras da plateia como era costume. No íntimo tinha receio de se cruzar de frente com Angélica. Achava que de alguma maneira ela sabia que naquela tarde ele a tinha espiado quando estava com Carlo.

Mas o ensaio ia começar e logo deixou de pensar nisso.

Como de costume, preparava-se um espectáculo que incluía ópera e bailado. Aquela consistia de um drama jocoso em dois actos *L'Oro non compra Amore*. Lisetta e Giorgio amavam-se e pretendiam casar-se. Mas o barão de Moscabianca tratava de seduzir Lisetta exibindo a sua enorme fortuna para afastar os dois namorados. Giorgio, inconformado, veste-se como um grande senhor e vai a casa do barão reclamar a sua amada. No fim de várias peripécias acabaram por se reconciliar, enquanto o barão, que esbanjara o seu dinheiro, acabou acossado pelos credores. Terminava com todos cantando em coro:

Siam tranquilli, siam contenti (Estamos tranquilos, estamos contentes)

Giuse a noi la bella aurora (chegou para nós o feliz dia).

L'onestà risplende ognora (A honestidade sempre resplandece).

L'oro mai non compra amor (e com o ouro nunca se compra amor).

Com o próprio compositor à frente da orquestra, trabalharam repetidamente diversas cenas dos dois actos. O ensaio correu de feição para Joaquim Pedro porque não faltaram os imprevistos que ele tanto apreciava. O cantor que fazia de barão de Moscabianca, já de si uma figura cômica com a sua barriga proeminente, caiu com espalhafato quando subia umas escadas ao encontro de Lisetta, e a cada passo um barítono barbudo que estava constipado dava uns espirros que mais pareciam tiros de canhão fazendo rir todos os presentes incluindo o conspícuo compositor, o senhor Marcos Portugal. Contudo, ao fim de quase duas horas de repetição das mesmas coisas, e ainda que Joaquim Pedro já estudasse e gostasse de música, começava a ficar um bocado farto. Também os músicos e intérpretes começavam a dar mostras de cansaço.

Passou-se então ao ensaio do bailado, *Li due rivali* acompanhado apenas pelo piano para poupar os músicos. O mestre de dança subiu ao palco e bateu as palmas para apressar os intervenientes que começavam a entrar lentamente vindos dos camarins: três homens e duas bailarinas, as rivais. A última, cujos passos desenvoltos e leves pareciam nem tocar o chão, era Angélica.

O enredo do bailado era muito simples. Os homens foram requestando as duas bailarinas. E enquanto uma tentava sobrepor-se à outra deixando-se cortejar com facilidade, Angélica altiva e distante, repudiava asperamente os esforços dos pretendentes. De início, os bailarinos hesitaram entre uma e outra. Mas em breve a rispidez altiva

e dominante de Angélica se sobrepôs à facilidade vulgar da concorrente. E esta, desfazendo-se em lágrimas, é abandonada ao fundo do palco enquanto os bailarinos levam Angélica nos ombros em triunfo até à boca da cena.

Joaquim Pedro, nem seguiu o enredo. Não conseguia que os seus olhos se desviassem dela. Seguia os seus movimentos harmoniosos mesmo quando esta, fazendo-se arisca, recusava com veemência as solicitações dos pretendentes. Notou-lhe as meias de um cor-de-rosa pálido e os sapatos da mesma cor que, moldando-se perfeitamente aos pés, deixavam perceber a perfeição da sua forma. Desejava que, de repente, ela se imobilizasse como uma estátua para poder saciar os seus olhos à vontade, apreciar lentamente todos os detalhes do seu corpo, desvendar os segredos que guardava. Mas para seu desespero parecia que a dança se desenrolava à velocidade de um relâmpago. Mal ele tentava fixar as suas pernas retesadas num salto com que fugia à aproximação de um bailarino, já ela repudiava com os braços outro que se aproximava, e era nos braços nus de Angélica que queria cravar o seu olhar, para logo ela com uma nova pirueta o desfeitear novamente. Desnorteado e com o coração aos saltos como da outra vez, Joaquim Pedro deu por si a descer as escadas para a plateia, momentaneamente esquecido dos seus receios. O director de dança tinha mandado fazer um descanso e ele não resistia à ideia de ver a repetição da cena mais de perto. Para que não reparassem tanto nele achou melhor não descer pela passadeira principal, antes seguiu pelo corredor lateral até ao fundo, entrando na plateia pela última porta para se sentar discretamente num dos primeiros bancos da frente.

Mal abriu a porta para entrar na sala deu de chofre com Angélica que, sentada nos degraus que davam acesso ao palco, massajava os pés. Como que fulminado por um raio, encostou-se à parede sem conseguir tirar os olhos dela.

Com as saias levantadas até aos joelhos, Angélica tinha retirado a meia da perna direita que apoiou na outra para melhor alcançar o pé sem se dobrar demasiadamente, deixando entrever as coxas com displicência. Tinha apenas levantado os olhos ao vê-lo entrar, esboçando um sorriso ao aperceber-se da sua perturbação, continuando a massajar a ponta do pé com a mesma indiferença com que no bailado tratara os seus pretendentes.

Confuso como o tinham deixado as maliciosas risadas da costureira, Joaquim Pedro baixou os olhos não suportando aquele olhar. Abriu a boca para balbuciar nem ele sabia o quê. Salvaram-no as palmas do mestre de dança que chamavam o corpo de baile para o palco. Atirou-se para a primeira cadeira que encontrou. Meio engasgado conseguiu ainda olhar de esguelha para Angélica. Muito calma, sempre esboçando um sorriso, vestiu pausadamente a meia que tirara, calçou o sapato de cetim cor-de-rosa, e levantando-se com igual lentidão subiu os degraus para o palco virando-se ainda para trás para lançar um último olhar a Joaquim Pedro.

*

Joaquim Pedro não voltou a ver Angélica. A bailarina voltara para Milão ao terminar o seu contrato e outra companhia foi contratada para actuar no São Carlos. Ele nada soube. Tinha passado outra temporada nas Laranjeiras e, quando finalmente arranjou forma de assistir a um ensaio, esperou em vão numa cadeira que tivera a coragem de colocar bem em frente ao palco. Quando chegou a vez da dança só encontrou caras novas e achou desinteressantes todas as bailarinas. Nenhuma apagava a recordação da incomparável Angélica.

Por ironia, depois do seu desaparecimento, o jovem Quintela passou a ter mais oportunidades de ir ao teatro. Tinha quase dez anos e começou a complementar as bases

gerais de música com lições de violoncelo, duas vezes por semana, ministradas por um velho artista do São Carlos.

Foi lá que encontrou pela primeira vez Mariana Carlota.

A filha de Francisco Lodi, o italiano que voltara a ser empresário do teatro, tinha mais dois anos do que Joaquim Pedro. Também estudava música ali mesmo e passaram a encontrar-se a cada passo. Depois de um primeiro contacto tímido e meio reservado, foi-se criando entre eles uma natural cumplicidade. Juntos aguardavam a hora da lição e cada um esperava pelo que acabasse mais tarde. Riam e troçavam dos tiques, fraquezas e ridicularias dos seus mestres e ficavam a brincar no teatro, que também para ela era uma segunda casa. Todos os conheciam e achavam graça. Ali tinham uma liberdade que não lhes seria tolerada fora do ambiente do teatro. Ela ainda o acompanhou algumas vezes nas guerras e aventuras imaginárias de piratas e cavaleiros, mas rapidamente se desinteressou. Preferia jogar às escondidas, e Joaquim Pedro acedeu com facilidade ao seu gosto. Conheciam tão bem os cantos ao teatro que não era difícil a nenhum deles encontrar o que se escondia. Porém, conhecendo ambos as melhores escapatórias, corriam por todo o lado antes de um conseguir apanhar o outro.

Houve um dia, contudo, em que Mariana se conseguiu esconder de tal modo que não havia meio de Joaquim Pedro a encontrar. Farta de esperar, começou a tossir, até sentir os passos dele aproximarem-se. Muito calada deixou-o passar e meter-se no labirinto dos bastidores. Então fugiu para o lado contrário. Levava uma grande vantagem sobre Joaquim Pedro. Correu toda a plateia, voltou depois para trás pelo corredor lateral e entrou outra vez nos bastidores escondendo-se naquele quarto onde se guardavam os tapetes e as velas. Não conseguiu evitar que ele ainda visse as pregas do seu vestido a desaparecer na porta e, entrando no quarto, a agarrasse quando ainda tentava fugir caindo os dois em cima de um monte de panos.

Os seus peitos ofegantes colavam-se um ao outro, os rostos encostados. Nenhum dos dois fez qualquer esforço para se afastar. Pedro sentia o calor da face da amiga junto à sua. O suave cheiro do corpo dela inebriava-o. Numa vertigem, a sua boca procurou atabalhoadamente a de Mariana e assim ficaram uns segundos, que lhe pareceram uma eternidade, até ela se levantar num repente e correr desabalada porta fora.

O coração de Joaquim Pedro batia descompassado como acontecera naquele mesmo sítio meses antes. Mas sentia-se diferente. Não estava angustiado nem confuso. Ficou ali um bocado, os olhos no tecto, um sorriso nos lábios. Estava feliz. Quando voltou ao átrio já não encontrou Mariana, alguém tinha vindo buscá-la.

No seguinte dia de lição, Joaquim Pedro dirigiu-se para o teatro um pouco apreensivo. Mas todos os seus receios se desvaneceram quando viu o rosto de Mariana iluminar-se num sorriso cheio de ternura. Deu-lhe a mão e assim ficaram até os virem chamar para a aula.

Contudo, aquele Éden primordial, como o de Adão e Eva, não durou muito. Certo dia, a velha costureira, com um piscar de olho, comentou com a criada que vinha buscar Mariana que «os meninos se davam muito bem». Para a família Lodi foi uma grande notícia. Mas era preciso cuidado não fossem as coisas andar tão depressa que estragassem os planos que iam ganhando forma na cabeça de Francisco Lodi.

Deixaram de poder brincar tão à vontade. Mas a vigilância era como a do cozinheiro que deixa as perdizes estufar lentamente no tacho, levantando apenas a tampa de vez em quando para ter a certeza de que não queimam no fundo.

O barão só me falou destes episódios anos depois de nos termos conhecido. Não porque o tempo me tivesse promovido a algum grau superior da sua amizade. Mas desabafos tão íntimos, mesmo a um amigo de sempre, só

são possíveis em circunstâncias muito especiais, quando alguma coisa nos sacode tão violentamente os sentidos que tudo o resto deixa de ter importância.

Aconteceu no tempo em que ainda reinava D. Miguel, mas lá chegaremos. Primeiro vou contar-lhes tudo o que depois soube a respeito da infância do 2.^o barão de Quintela.

A VITÓRIA DO AMOR

De acordo com os registos paroquiais, Joaquim Pedro Quintela do Farrobo, de seu nome completo, veio ao mundo em 11 de Dezembro de 1801 no centro de Lisboa, que era a Freguesia da Encarnação, junto ao Chiado. Nasceu no casarão em que vivia seu pai, a meio da Rua do Alecrim e que os lisboetas já se tinham acostumado a chamar Palácio Quintela.

Foi baptizado mais de um ano depois, em 15 de Janeiro de 1802, na capela da casa de campo na Estrada das Laranjeiras, fora de portas, a caminho de Benfica.

Donde vinha esta família, que não sendo da grande nobreza tinha palácio em Lisboa, uma grande propriedade nos arredores com casa de campo e capela privativa e dominava o Teatro São Carlos, centro da vida artística e social de Lisboa?

Tudo começara em meados do século XVIII quando Inácio Pedro Quintela se distinguiu entre os homens de negócios da capital. Estava ligado ao marquês de Pombal que nele tinha confiança, apreciava o seu espírito empreendedor e quem sabe se não participou com ele em alguns negócios. Essa circunstância permitiu a Inácio Pedro participar em projectos que não estavam ao alcance de qualquer um, desde a reconstrução da cidade após o terramoto até ao monopólio da pesca da baleia nos mares do Brasil. Quando morreu, por volta de 1775, a casa comercial passou para o seu sobrinho Joaquim Pedro. Cinco anos depois sucedeu este igualmente na casa de seus pais e herdou ainda a fortuna de um tio desembargador, dono entre outras coisas da quinta das Laranjeiras. Na passagem do século, o

património do pai de Joaquim Pedro rondava já os quinhentos contos de reis.

Com a riqueza vieram as honras. Fidalgo da Casa Real, membro do conselho da rainha D. Maria I, primeiros degraus da difícil e muito exclusiva escadaria social. Era também conselheiro honorário da Fazenda, o que o mantinha sempre perto dos negócios com o Estado. Recebeu algumas outras honras que vão perdendo o seu brilho neste século de máquinas a vapor, mas que ainda traziam naquele tempo algum prestígio: o senhorio da vila do Préstimo na comarca de Aveiro, o título de alcaide-mor da vila da Sortelha, o de cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Essas honras não evitavam, contudo, que fosse olhado com algum desdém pela grande nobreza, a maior parte da qual gostava de gastar dinheiro, mas não achava digno meter mãos ao trabalho para o ganhar.

Da mãe do meu amigo só vi um retrato. Morreu essa senhora muitos anos antes de eu o conhecer, e ele mesmo, coitado, pouco tempo gozou dos seus carinhos pois perdeu-a quando apenas tinha quatro anos.

Digo que era linda porque assim a vi pintada num quadro de Pellegrini que o meu amigo adorava. A exemplo de alguns grandes nomes da nobreza, o pai contratara o pintor italiano para o retratar com a família. Era uma tela de grandes dimensões. A figura principal era o barão, apoiado com o braço direito ao pedestal de uma estátua representando uma mulher sentada segurando na mão uma pequena imagem de Hermes, deus da mitologia grega, protector dos comerciantes. Usava cabeleira branca e vestia uma casaca castanha, assertoada, com a gola levantada, como se usava no tempo de Napoleão. Lenço branco apertado ao pescoço, calção preto até ao joelho, meias brancas e sapatos pretos de verniz com fivelas de brilhantes. Da cintura pendia-lhe o sinete. Tinha a mão esquerda no bolso junto ao punho da espada. Na direita onde se via no dedo mindinho um anel com uma grande

pedra preciosa, segurava um rolo de papéis com planos de uma construção. A seu lado estava Joaquim Pedro, que segurava na mão uma corda de saltar dando a mão esquerda à mãe que, sentada num sofá, segurava a mão do filho mais novo - que morreu pouco depois - e que parecia querer esconder-se atrás dela. Ela usava um vestido Império com a cintura muito alta e amplo decote. Tinha um colar de pérolas de duas voltas ao pescoço e cobria os ombros com um xaile vermelho, a mesma cor dos coletes das duas crianças que por baixo vestiam fatos iguais e brancos. Em fundo via-se o palácio das Laranjeiras com os seus jardins.

Agora que recordo o quadro pergunto-me por que razão a irmã de Joaquim Pedro não figurava no quadro de família. Nunca calhou perguntar.

Também me chamava a atenção o ar austero e autoritário do barão que aparentava não dar importância às restantes figuras apesar de ter ao seu lado o filho mais velho que herdaria o rico morgado que acabava de constituir e que levava o nome de Farrobo.

Voltemos à mãe de Joaquim Pedro.

Ao vê-la no retrato, saudável e jovem - tinha, quando muito, trinta e um anos - ninguém diria que estava à beira da morte. Mas quem era ela afinal? Quais eram as suas origens?

Chamava-se Maria Joaquina de Xavier Saldanha, mas acho que ninguém na altura se interessava em saber donde viera a mulher do comerciante argentário, como a hipócrita sociedade de então classificava desdenhosamente o barão, aludindo ao que consideravam o seu maior pecado mas que secretamente invejavam: o dinheiro.

Talvez fosse melhor para a pobre senhora que se ignorasse tais origens, pois menos que humildes, elas eram obscuras, suspeitas. Ou pelo menos assim pareciam à primeira vista.

Eu nunca sequer pensara no assunto. Tanto me fazia que sua mãe fosse neta da Lua e filha do Sol como gerada em

alguma viela escura da Mouraria. Não era isso que faria alterar a amizade que ao longo dos anos fui ganhando por Joaquim Pedro Quintela. Quis o destino, porém, que eu viesse a saber tudo, ou quase tudo, sobre a história daquela senhora. Quis o destino que o meu amigo nunca viesse a conhecer esse segredo: mistério digno de um romance de Dumas, matéria ideal para um enredo de ópera.

Tal como a música e a ópera, o tabaco andaria sempre agarrado à vida de Joaquim Pedro.

Deixando-se envolver bem cedo pela magia do teatro lírico, com ele chegaria aos píncaros da fama, enquanto o tabaco, que lhe trouxe poder e riqueza nunca vistos, se encarregaria de pôr fim a essas glórias, tão efémeras quanto o fumo azulado de um charuto dissipando-se no ar.

Foram tempos difíceis aqueles em que Joaquim Pedro viveu a sua primeira infância. Vieram as invasões francesas, a Corte saiu para o Brasil, Portugal perdeu o monopólio do comércio com este país. Os negócios ressentiram-se, houve devastações, miséria e fome. Contudo, ele vivia numa redoma protegido de todos esses flagelos.

Se alguns dos negócios do pai tinham sofrido também, como os seguros, a verdade é que não se dava por isso. Os seus bens ficaram intactos. Pagou também um pesado tributo aos franceses. Mas foi ele que lhes adiantou o total do imposto, cobrando depois aos restantes comerciantes, levando com certeza a sua comissão, pelo que recuperou muito do que pagara individualmente.

Mas o mais importante é que tinha na mão o melhor negócio do País: o contrato do tabaco. Consistia este em o Estado lhe conceder o monopólio da importação e venda de tabaco mediante uma renda anual. Durante mais nove anos esse negócio estava garantidamente na sua mão. E como morrera o seu sócio, o barão de Sobral - outro que fora nobilitado por via dos negócios -, ele ficara como contratador principal.

Além do mais, essa actividade sobrevivia mesmo em tempos de crise, se é que não aumentava pela angústia em que as pessoas viviam: nada melhor que um negócio sustentado pelo vício.

Para Joaquim Pedro, que tinha então seis anos, a chegada dos franceses foi uma festa. Nunca mais esqueceria o brilho dos seus uniformes e a grandiosidade das festas que organizavam. Deve ter vindo desse tempo o seu gosto pelas fardas.

Ele não só assistira às paradas com que os soldados napoleónicos faziam alarde da sua força como conhecera bem de perto Junot e os oficiais do seu estado-maior. O general francês escolhera justamente o Palácio Quintela para sua residência oficial em Lisboa.

Com uma sem-cerimónia de conquistador, o general francês exigia que o barão tivesse diariamente mesa posta e refeições prontas para quarenta pessoas, e às vezes a sua originalidade chegava ao ponto de convidar por escrito o seu forçado anfitrião para tomar parte nos banquetes, como convidado na sua própria casa. Não se mostrou o barão demasiado zangado por essas bizarras, não se furtando a prestar ao comandante em chefe francês os seus valiosos serviços, nomeadamente financeiros. Se o fez por fervor napoleónico ou para tentar minimizar as perdas é segredo que levou para o túmulo. Em 1809 já outros ventos sopravam, e o barão contribuía com um donativo considerável para o exército anglo-luso enquanto dessa vez aboletava no seu palácio o então comandante das forças britânicas em Portugal. Nessa altura até mandava vir de Inglaterra uma revista antinapoleónica chamada *Ambigu*. Anos depois deixou mais uma marca do seu fervor patriótico, glorificando a vitória final sobre Bonaparte: a meio da alameda que da Estrada de Benfica dava acesso ao palácio das Laranjeiras mandou levantar um obelisco com uma inscrição louvando «a constante e heróica lealdade da nação portuguesa, a disciplina dos seus soldados, a

prudência, zelo e vigilância dos governadores do reino, as quais com assombro de toda a Europa salvaram o trono e a pátria». Conseguir estar bem com Deus e com o Diabo é, pelo que tenho visto, um dos segredos dos grandes financeiros.

O 1.º barão de Quintela continuava, assim, um homem rico, poderoso. Rodeara-se de amigos oriundos da alta burguesia comercial e financeira e membros da comunidade estrangeira de Lisboa, diplomatas uns, outros também comerciantes. Era gente cosmopolita e viajada, em contacto com a melhor cultura europeia.

Era um apreciador das artes e filantropo. Não só ajudara à construção do Teatro São Carlos, essa talvez filantropia forçada pelo arguto Intendente Pina Manique, como também dava trabalho a outros artistas protegendo em particular o pintor Domingos Sequeira. A esse fez em 1812 uma grande encomenda da qual resultaram dois quadros famosos, *Lisboa protegendo os seus habitantes* e *O Génio da Nação Portuguesa*. O pintor entrou mesmo no círculo de relações dos Quintela. Apesar da sua pouca idade, Joaquim Pedro foi padrinho sucessivamente de uma filha e de um filho do artista. Foi por essa altura, tinha Joaquim Pedro quase 12 anos, que lhe fez o retrato.

Muitas vezes vi esse quadro e continuo ainda a pensar que foi uma das melhores coisas que saíram da paleta de Sequeira. Conseguiu captar traços fisionómicos que Farrobo manteve pelos anos fora: as sobrancelhas fartas, os olhos um pouco encovados, a testa alta ocultada parcialmente pelos cabelos castanhos e rebeldes. Representou o jovem com um ar muito seguro de si, um livro na mão direita como convinha a um estudante aplicado, apoiando-se descontraidamente a um muro de pedra, transmitindo ao mesmo tempo calma e determinação.

Nesse rapaz que Sequeira tão bem retratara adivinhavam-se todas as qualidades que enchiam o velho Quintela de orgulho e lhe davam a certeza da continuidade do seu

império. Era o que mais contava para ele, numa altura em que uma vida inteira de trabalho lhe começava a pesar mais do que os sessenta e três anos de idade deixavam supor. Já tinha decidido não voltar a concorrer ao contrato de tabaco na próxima renovação para melhor dedicar os últimos anos de vida a garantir o futuro da sua casa, aproximando-se mais do seu filho, coisa que os negócios até aí não lhe tinham permitido.

Não que a educação de Joaquim Pedro tivesse sido descuidada. O padre irlandês fora competentíssimo. Para ele, ainda que fosse irlandês e católico, o mais importante para além de letras e números, eram as receitas da educação à inglesa, onde sobressaía o exercício físico do qual faziam parte a equitação e a caça. Não descuidava o ensino da religião, mas ministrada em doses bem medidas e acompanhada de um pragmatismo que manteve o seu aluno alheio à beatice reinante no país e a sua alma aberta à beleza, ao amor e a todas as coisas boas do mundo.

Na vertente artística, o gosto pela música formou mais rápidos e notáveis os seus progressos. Tinha então como professor João Gazul, que tocava trompa no Teatro São Carlos. Foi o violoncelo o instrumento a que primeiro se dedicou. Mas também não desdenhava dos sopros e com o correr do tempo foi nascendo o gosto pela trompa, a cujo estudo se aplicou com empenho, vindo a ser com os anos um grande intérprete.

Aprendeu inglês com o seu padre, italiano com Mariana Lodi, francês porque toda a sociedade o falava, e latim, o suficiente para conhecer umas quantas citações, que faziam parte do ensino.

Só lhe faltava um bom casamento.

A ligação a uma casa da nobreza era o melhor caminho para o barão obter o pleno reconhecimento social e para que o seu filho deixasse de ser apenas o filho do «argentário». Parecia à partida uma tarefa impossível, uma

vez que a grande nobreza nunca fazia casamentos com famílias que não fossem do seu meio.

«Nunca», não era já o caso, pois Quintela conseguira a primeira exceção casando a irmã de Joaquim Pedro, Gertrudes, com José Maria Vasques Alvares da Cunha, o terceiro conde da Cunha, pertencente à grande nobreza. Sinal dos tempos que já prometiam mudanças? Parece-me que nesse casamento foi mais importante a má situação financeira da casa dos condes da Cunha.

Assim pensava o meu amigo Quintela, que muito sofreu à conta do cunhado e por isso o detestava:

- O Cunha - como ele se referia ao cunhado na intimidade, demonstrando todo o desdém que lhe inspirava - é de má raça. Farejava a nossa riqueza como um perdigueiro, mas nunca deixei que lhe pusesse a pata em cima.

O barão instalou o casal no belo palácio do Largo do Rato, que mandara mobilar com todo o luxo e ofereceu um dote de mais de cem contos à filha. Uma pequena fortuna. Mas não deixou de tomar providências, no texto do contrato de casamento, por forma a que o dinheiro não fosse parar aos bolsos do conde no caso de ela falecer primeiro.

A família tinha subido assim a um patamar que nenhuma outra da sua condição tinha conseguido até então alcançar. Mas o velho Quintela, já começava a fazer planos para o casamento de Joaquim Pedro, apesar da juventude deste. Mais valia cedo que tarde, pensava ele, não fosse a idade fortalecer as suas inclinações noutra sentido. E já tinha chegado aos seus ouvidos que Joaquim Pedro andava enamorado com a filha do Lodi.

Contudo, esta tarefa revelava-se mais difícil do que tinha sido casar Gertrudes com um nobre. Uma coisa era buscar uma noiva rica para garantir o futuro de uma casa de nobreza. Outra era oferecer uma filha nobre à casa de um rico. O barão bem sabia que muitos troçavam da condição de Joaquim Pedro. Chamavam-lhe, depreciativamente, o

reizinho de Roma, como dizendo que os Quintelas se queriam pôr em bicos de pés na sociedade, como Napoleão tentara em vão ombrear com as realezas europeias, fazendo o seu filho rei da Cidade Eterna. Pouco lhe importava. Os tempos não andavam bons e havia muitas casas nobres a caminho da ruína. E haveria certamente alguma menina que preferia esse casamento a uma vida de convento, que era o destino daquelas cujas famílias não tinham meios para sustentar.

Assim foi. Depois de algumas diplomacias matrimoniais, surgiu a candidata ideal.

Joaquim Pedro não fora ouvido nem achado para a decisão. Ainda nem completara dezasseis anos e só lhe restava obedecer à vontade do pai. Havia algum tempo que este lhe vinha a falar da questão, embora de forma vaga, como mera possibilidade, sem concretizar nada, e ele preferia nem pensar no assunto, como se fosse algo que nada tinha que ver com ele.

O que ele verdadeiramente queria com todas as forças era outra coisa.

Desde o dia em que beijara Mariana pela primeira vez continuara a vê-la sempre que podia. Mas foi-se tornando difícil. Com o tempo nem a música então os juntava, pois passaram a ter mestres diferentes e agora estudavam cada um em sua casa. Por outro lado, Mariana tinha crescido e os seus atributos de mulher revelavam-se com exuberância. E já não havia jogo da apanhada com que pudessem disfarçar o desejo que sentiam um pelo outro. Agora era a sério e eles bem sentiam a responsabilidade. Escreviam-se bilhetinhos apaixonados e sempre havia alguma criada que por piedade ou a troco de uns patacos se tornava cúmplice dessa romântica corrente epistolar. Puxando pela imaginação, que o amor nunca deixa de alimentar, conseguiam de vez em quando iludir os obstáculos e passar juntos alguns momentos fugazes, saboreando os frutos de

um amor que a clandestinidade tornava ainda mais apetecidos.

Juraram-se amor eterno e com verdade, pois Joaquim Pedro não concebia mulher para toda a vida que não fosse Mariana.

Contudo, um dia, a dura realidade veio bater-lhe à porta. Passando pelo Chiado com o pai, numa manhã de domingo, este indicou-lhe um senhor de aspecto distinto que acabava de sair da igreja dos Mártires acompanhado de uma jovem que lhe dava o braço.

Vinham no passeio contrário e o pai atravessou de propósito para que Joaquim Pedro pudesse vê-los. Quando se cruzaram cumprimentou-o discretamente, com um respeitoso baixar de cabeça.

- É o conde de Alpedrinha com a filha Maria Francisca - disse o barão quando já se afastavam. Para a semana ele vai visitar-nos para tratarmos do vosso casamento e conheceres a tua noiva. Pelo lado da mãe, ela é neta do grande marquês de Pombal, que sempre foi amigo e protector dos nossos antepassados.

Joaquim Pedro quase desfaleceu. Não disse nada, nem o pai lhe pediu comentários. Seguiu-o até casa como um autómato, subiu ao quarto e jogou-se para cima da cama. Dali não saiu até o chamarem para jantar. Ficou aliviado quando soube que seu pai tinha voltado a sair e o deixava à mesa sozinho. Comeu sem apetite e voltou a fechar-se no quarto, apático como se nada mais lhe interessasse na vida.

O encontro com a noiva, passados dias, foi penoso. Ela, bem industriada pelo pai, esforçou-se por ser agradável mas poucas palavras lhe arrancou. Falou-lhe de música e de teatro mas sucederam-se os silêncios porque Joaquim Pedro respondia invariavelmente com monossílabos. A pobre rapariga, nem feia nem bonita, era-lhe completamente indiferente. A entrevista arrastou-se e parecia nunca mais terminar, até que os dois homens que tinham ido conferenciar para outra divisão entraram muito sorridentes

com o êxito das suas negociações e o pai da noiva a levou finalmente embora.

Em breve voltaram a circular os bilhetinhos entre Mariana e Joaquim Pedro, e este fez por tirar da cabeça a ideia do casamento com Maria Francisca. Tinha percebido que o mesmo carecia de autorização real prévia e que o rei não delegara esse poder a ninguém. Sendo assim, os papéis tinham de ir ao Rio de Janeiro. Foi fazendo as suas contas. Mês e meio para lá, outro tanto para cá, mais um mês de despacho, as coisas sempre se atrasavam e antes de seis meses não haveria novidades. E quem sabe - ele não desejava um naufrágio - mas havia muitas maneiras de se extraviarem os papéis obrigando o processo a recomeçar. Acreditava firmemente que o destino iria ajudá-lo e que nunca teria de levar aquela noiva ao altar.

Porém, em Abril de 1817, mais cedo do que imaginara, chegou do Brasil a autorização do rei D. João.

Mas Joaquim Pedro não se alterou. Dir-se-ia que tinha crescido durante o tempo em que a papelada andara a viajar entre as duas margens do oceano. Estava mais adulto e sentia-se mais senhor de si. Decidira resistir ao casamento mas sem afrontar directamente a vontade do pai. O instinto dizia-lhe para ganhar tempo, e pressentia que um qualquer acontecimento havia de virar as coisas a seu favor. Muito simplesmente disse ao pai que não estava ainda preparado, era muito jovem, deixasse passar mais uns meses, casaria depois de fazer dezassete anos.

Apesar de já estar a par dos rumores que corriam sobre os amores do filho, o velho Quintela acedeu. O seu enorme património dava-lhe argumentos de peso que pensava usar no momento oportuno. E também ele pensava que não havia coisa que o tempo não pudesse resolver.

E resolveu, mas de uma maneira inesperada.

Meses depois, o barão caiu de cama. Ao princípio parecia coisa de pouca importância mas em breve os médicos ficaram pessimistas e confessaram a sua impotência